

Os tesouros da vida quotidiana



Vivemos numa época que nutre um enorme apreço por vidas extraordinárias, ou seja, por vidas que a maioria de nós nunca levará. Os protagonistas destas vidas extraordinárias fazem fortunas colossais, são heróis em películas cinematográficas ou demonstram virtudes e talentos únicos.

Como contraponto deste apreço, podemos citar o exemplo do pintor holandês Johannes Vermeer que, na segunda metade do século XVII, pintou um quadro que veio a revelar-se um momento histórico e revolucionário nos anais da pintura. Intitulado “A Pequena Rua”, o quadro mostra uma rua simples de Delft, a cidade natal de Vermeer, e nele podemos ver atos tão simples como costurar, brincar ou ocupar-se de limpezas num pátio. Trata-se, contudo, de um dos melhores quadros do mundo, cujo impacto ainda hoje desafia os nossos valores.

Até esta altura, os trabalhos culturais mais valorizados procuravam enfatizar os méritos e o valor de vidas aristocráticas, militares e religiosas, ou seja, vidas cheias de privilégios e momentos extraordinários. Os grandes poetas épicos, Homero e Virgílio, tinham escrito sobre guerreiros heroicos e os artistas da Renascença tinham dado corpo a visões magníficas de santos e anjos. A vida quotidiana de reis, rainhas e nobres era constantemente celebrada e apresentada como exemplo nas mais prestigiadas pinturas.

Porém, Johannes Vermeer escolheu um outro rumo. O pintor holandês queria mostrar-nos que as atividades mais banais do quotidiano podiam assumir uma grandiosidade em tudo semelhante aos grandes feitos, e que havia muito de apelativo e honroso em tarefas como arrumar a casa, varrer o pátio, tomar conta de crianças, costurar ou preparar o almoço.



Vários contemporâneos mais jovens decidiram juntar-se à revolução tranquila de Vermeer. Um deles, Pieter de Hooch, retratou momentos quase aleatórios do dia, alturas em que nada parece acontecer: uma tarde passada em casa, alguém que regressa das compras com um cesto de legumes. Talvez as pessoas pendurem a roupa acabada de lavar mais tarde ou consertem a pequena treliça no fim de semana.



De Hooch foi o primeiro artista na história da humanidade a mostrar a importância de arrumar um armário. Num dos seus quadros, que revela o interior da casa de um mercador rico, podemos ver, em destaque, a dona da casa e a criada a conferir toalhas e lençóis de cama junto de um simples cesto. “No fundo, isto também faz parte do sentido da vida”, parece querer dizer de Hooch.



Outro dos seguidores de Vermeer foi Caspar Netscher, que retratou a execução de tarefas morosas como fazer renda, um trabalho muito complexo mas que era extremamente mal pago. Netscher não podia alterar os rendimentos das pessoas, mas podia com certeza mudar o nosso olhar sobre os que auferiam salários modestos.

Hoje em dia, essas versões modernas da arte épica, aristocrata e sacra que são os filmes e os anúncios mostram-nos o encanto de iates luxuosos, destinos de férias exóticas e cozinhas ultramodernas. Contudo, apesar de atraentes, estas imagens apenas reforçam a ideia de que uma vida de qualidade é composta por artigos que quase ninguém pode comprar e de que, assim sendo, as nossas vidas não são vidas de qualidade.



Vermeer, por seu lado, pretendia transmitir a ideia de que uma vida normal também contém a sua dose de heroicidade, dado que as tarefas do quotidiano estão longe de ser fáceis de desempenhar. Não porque tudo o que é comum seja necessariamente inspirador, mas porque existem muitas coisas às quais não prestamos atenção que são simultaneamente comuns e importantes.

Dotado de um talento excecional, o pintor holandês quis transmitir-nos a ideia de que o comum pode também ser extraordinário e de que a nossa vida tem muito de valioso para nos oferecer, quando aprendemos a vê-la tal qual ela é. Os seus quadros são também um elogio constante das mulheres enquanto cuidadoras e uma forma ímpar de as resgatar do anonimato, o que revela o carácter intemporal e pioneiro da sua arte.

Os tesouros da vida cotidiana

1. Qual é a principal diferença entre as vidas que a sociedade contemporânea valoriza e a vida retratada por Johannes Vermeer?
2. “A Pequena Rua” é considerado um quadro revolucionário na história da pintura. Refere os excertos que o demonstram.
3. Através da sua arte, o pintor holandês procurava valorizar certas tarefas quotidianas. Enumera-as.
4. As escolhas dos poetas épicos e dos artistas da Renascença sobre o que retratar eram bem diferentes. Explica porquê.
5. Pieter de Hooch e Caspar Netscher decidiram seguir a “revolução tranquila” iniciada por Vermeer. Assinala as passagens que retratam as características da pintura de cada um deles.
6. Que mensagem nos transmitem os filmes e anúncios modernos sobre o que constitui uma vida de qualidade?
7. O contraste que a sociedade estabelece entre vidas extraordinárias e vidas comuns pode ajudar-nos a questionar a nossa perceção de sucesso e de felicidade. Concordas? Justifica.
8. Segundo o texto, por que motivo uma vida normal pode ser também considerada heroica?
9. Vermeer destaca, de forma inequívoca, o papel das mulheres nos seus quadros. Qual é a importância dessa escolha artística? Fundamenta a tua resposta.
10. Na tua opinião, quais são os “tesouros” do quotidiano que poderíamos aprender a valorizar mais nas nossas próprias vidas?